

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília

Class.: Diritos Indígenas

Data: 28 de fevereiro de 1981

Pg.: DINR0014

UnB encerra seminário sobre etnia e racismo

— O racismo é uma criação do Estado moderno que apresenta características contraditórias, pois prega a ideologia de igualdade". Esta foi a conclusão apresentada ontem pela professora Eunice Durham no seminário sobre "Etnia e Racismo", realizado na Universidade de Brasília, sob a presidência do professor Roberto Cardoso de Oliveira. O seminário contou com a participação de professores do México, Guilherme Bonfill Batalla; da Argentina, Esther Ermitte, catedráticos da USP e Unicamp que durante dois dias debateram sobre as discriminações contra as minorias dos migrantes, negros e índios.

Nas conclusões apresentadas a presidente da Associação Brasileira de Antropólogos afirmou que os trabalhos apresentados "levantaram a necessidade do reconhecimento de sociedades multiétnicas". Lamentando que o problema dos migrantes estrangeiros tenha sido pouco estudado, ela observou que o processo de descaracterização do negro "foi muito mais violento e propiciou a criação do negro genérico". Com a miscigenação afirmou ainda — provocou-se o empobrecimento cultural e hoje os negros buscam sua identidade".

Quanto à discriminação contra os índios, Eunice Durham ressaltou que esta se manifesta com "tentativa de expropriação territorial". Observou ainda que a busca de identidade étnica procurada pelos índios "encontra obstáculos por parte do Estado". Ela conclui ainda que apesar dos esforços por parte das sociedades dominantes com a criação de uma "cultura única" não houve redução do processo discriminativo, "pelo contrário, provocou uma alienação nas diferentes culturas minoritárias componentes de uma sociedade".

POLÍTICA DE RACISMO

Depois de mostrar que o racismo se manifesta inclusive entre a classe intelectual brasileira e citando os exemplos de Gilberto Freire, Oliveira Vianna, Nina Rodrigues e outros, o professor Roque de Barros Laraia observou que o preconceito racial existente no Brasil baseia-se em duas premissas: suposta "superioridade da raça branca, e, conseqüentemente, a admissão de sua maior participação no desenvolvimento da sociedade nacional e que a solução

para se atenuar os efeitos negativos da coexistência com grupos inferiores encontra-se na mesclagem".

Ele classificou ainda que o paternalismo é resultado do preconceito, pois é "o paternalismo de uma sociedade que se considera superior e, portanto, capaz de decidir sobre o destino das populações consideradas inferiores. Assim, os índios são frequentemente vistos como crianças grandes".

Criticando esta política Roque Laraia disse ainda que "o próprio instituto de tutela oficial tem sido frequentemente exercido com uma intensa limitação da autonomia grupal, negando às comunidades tribais a capacidade de gerir a sua própria vida, traçar os seus próprios projetos econômicos. Daí o repêido fracasso de projetos de desenvolvimento elaborados em gabinetes por técnicos que desconhecem a especificidade de cada cultura e mesmo de cada ecossistema. Frequentemente tem sido negada às lideranças indígenas a capacidade de representar junto à sociedade os anseios de sua comunidade".

Concluindo, ele afirmou que o mais grave desta situação é que "a integração dessas populações à sociedade nacional costuma ser pensado de uma forma mecânica, a versão indígena do "embranquecimento", ao contrário de uma integração orgânica em que cada parte dos componentes conserve intacta a sua etnicidade".

Discriminação

Belo Horizonte — A professora Oneida Sílvia do Nascimento entregou ontem ao secretário da Educação de Minas, Eduardo Levindo Coelho, e ao Delegado Regional de Ensino, Saulo Converso, um relatório em que aponta um caso de discriminação racial de que foi vítima por ser negra. A professora primária alega que ao ser designada para lecionar no Grupo Escolar Pandiá Calógeras, no bairro de Lourdes, não foi atendida pela professora do estabelecimento, Ema Ciadoro, por causa de sua cor, segundo comentários que ouviu no local. Diante disso a professora se viu forçada a se transferir para o Grupo Escolar Cesário Alvim, onde revelou o fato. A diretora Ema Ciadoro, no entanto, alega que a professora não foi admitida no grupo apenas por não apresentar documentos que a identificassem como professora.